

Reflexões a respeito da velhice na pandemia de Covid-19

Reflections on old age in the Covid-19 pandemic

Reflexiones sobre la vejez en pandemia Covid-19

*Aline Cristina Monteiro Rossi**
*Paulo Roberto Carvalho***

Resumo

O texto objetivou problematizar os discursos direcionados à velhice no contemporâneo da pandemia de Covid-19. Foi realizada uma discussão conceitual a respeito do termo “contemporâneo” e, na sequência, foi apresentada de forma contextual a descrição sobre a pandemia do novo coronavírus, evidenciando os discursos sobre a velhice que foram veiculados durante esse período. Fundamentado em referenciais da psicologia social, foi realizado um levantamento de reportagens que faziam menção à velhice durante a pandemia sob um viés crítico. A análise buscou compreender a representação da velhice durante a pandemia na perspectiva da mídia e de artigos científicos. Os resultados evidenciam a mudança de um discurso que faz menção à população dos velhos – antes mencionada como a melhor idade – para discursos que, na pandemia, remetem um viés pejorativo a essa categoria etária, de infantilização e amedrontamento. Demonstam, ainda, que o discurso direcionado aos velhos sob a perspectiva do cuidado e da prevenção tornou-se um discurso de tutela e supervisão.

Palavras-chave: *Velhice; Pandemia; Contemporâneo; Psicologia Social; Covid-19.*

Abstract

The text aimed to problematize the discourses directed to old age in the contemporary. Therefore, a conceptual discussion about the contemporary term was

* Universidade Estadual de Londrina, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0000-678X>.
E-mail: aline.monteiroferreira@gmail.com

** Universidade Estadual de Londrina, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5732-5557>.
E-mail: paulor@uel.br

Agência de fomento: CAPES

carried out, and in the sequence, the description about the pandemic of the new coronavirus was presented in a contextual way, evidencing the speeches about old age that were broadcast during this period. Based on social psychology references, a survey of reports was made that mentioned old age during the pandemic under a critical bias. The analysis sought to understand the representation of old age during the pandemic from the perspective of the media and scientific articles. The results show the change in a discourse that mentions the elderly population, previously considered to be the best age, and in the pandemic, the speeches refer to a pejorative bias to this age category, of infantilization and fear, they also demonstrate that the speech directed to from the perspective of care and prevention has become a tutelage and supervision discourse.

Keywords: Old age; Pandemic; Contemporary; Social Psychology; Covid-19.

Resumen

El texto tuvo como objetivo problematizar los discursos dirigidos a la vejez en la actualidad. Por lo tanto, se realizó una discusión conceptual sobre el término contemporáneo, y en la secuencia, se presentó la descripción sobre la pandemia del nuevo coronavirus de manera contextual, evidenciando los discursos sobre la vejez que se difundieron durante este período. Con base en las referencias de la psicología social, se realizó un relevamiento de reportes que mencionaban la vejez durante la pandemia bajo un sesgo crítico. El análisis buscó comprender la representación de la vejez durante la pandemia desde la perspectiva de los medios de comunicación y los artículos científicos. Los resultados muestran el cambio en un discurso que menciona a la población anciana, previamente considerada como la mejor edad, y en la pandemia, los discursos hacen referencia a un sesgo peyorativo a esta categoría de edad, de infantilización y miedo, también demuestran que el discurso dirigido desde la perspectiva del cuidado y la prevención se ha convertido en un discurso de tutela y supervisión.

Palavras chave: *Vejez; Pandemica; Contemporáneo; Psicología Social; Covid-19.*

Em qualquer análise a respeito do envelhecimento, há a necessidade de precisar em quais contextos histórico e social se pretende refletir sobre a velhice, uma vez que esses aspectos interferem diretamente na vivência e nas perspectivas em relação ao envelhecer em um dado momento.

Problematizar a velhice e suas implicações nas mais variadas esferas culturais, sociais e políticas se faz importante para compreender as necessidades da população que mais cresce no país. É importante identificar

que discursos estão direcionados à velhice, pois esses sofrem modificações. Neste artigo iremos apresentar duas perspectivas a respeito da velhice no período compreendido como contemporâneo.

Há no contemporâneo um discurso muito disseminado por meio das mídias, no cotidiano, que utiliza o termo “melhor idade” atribuído à velhice, fazendo-se necessária a compreensão dessa expressão em termos dos valores que veicula. O discurso por trás do slogan “melhor idade” direciona uma vivência do envelhecimento restrita a uma única possibilidade que é atribuída à vida “ativa” e ao consumo (Tótora, 2015).

Moreira e Nogueira (2008), em uma pesquisa na qual entrevistaram pessoas de 40 a 60 anos com o objetivo de compreender os significados do envelhecimento, evidenciaram que o envelhecer traz consigo uma experiência ambígua, por contemplar aspectos valorados positiva e negativamente, com intensificação gradativa dos chamados aspectos negativos, uma vez que existem tentativas de adiar o “inevitável” – relacionado, por sua vez, a uma vivência estigmatizada, de desvalorização e exclusão na sociedade contemporânea. Compreende-se, ainda, que viver o envelhecimento está estritamente relacionado a um julgamento de valor que se coloca “positiva ou negativamente”.

Observa-se, portanto, a criação de um “novo velho”, um velho que deve retardar o envelhecimento por meio da prática de atividades físicas e mentais, as quais lhe garantiriam a manutenção de suas capacidades funcionais e, em última análise, alguns traços de sua juventude (Barros & Castro, 2002, p. 120).

Retomando a crítica à “melhor idade”, observa-se que ela traz, em si, alguns parâmetros a serem seguidos pelos sujeitos que vivenciam a velhice. Eles incluem “desejar uma velhice ativa e com qualidade de vida, slogan repetido à exaustão”, o que, por sua vez, “é a senha para tomar parte da grande comunidade de consumidores subordinados e controlados” (Tótora, 2013, p. 6).

Envelhecer é assumir as mudanças reais dessa fase da vida, mas, na cultura em que estamos inseridos, é vivenciado como “uma ameaça à auto-estima, à aceitação de si, tornando as pessoas vulneráveis a sofrimentos psíquicos de toda ordem e até mesmo a patologias” (Moreira & Nogueira,

2008, p. 65). O envelhecer real, que contempla as mudanças em todos os aspectos, tornou-se problemático para o sujeito devido a imposições de um corpo que precisa atingir parâmetros definidos para essa fase da vida.

Os discursos acerca do idoso reproduzem ideias que são “*a priori*” solicitadas para a descrição da população que envelhece, pois o que se requisita é “um velho identificado como fonte de recursos – autônomo, capaz de respostas criativas frente às mudanças sociais, disponível para re-significar identidades anteriores, relações familiares e de amizade” (Barros & Castro, 2002, p. 121).

Esses discursos direcionados à população de idosos enquanto sujeitos ativos e consumidores de um mercado que disponibiliza serviços e produtos que tendem a disfarçar o envelhecimento e maquiagem a velhice real foram ausentes durante a pandemia de Covid-19, pois o estigma da velhice nesse período foi descrito como um “problema, revigorado na pandemia, não poupou sequer este segmento da terceira idade, até então tido como sendo o de pessoas que, apesar do avanço do tempo, ainda tinha bastante saúde, vigor e disposição para a vida” (Correa & Justo, 2021, p. 54).

Este texto, caracterizado como um artigo teórico, tem o objetivo de problematizar os discursos direcionados à velhice no contemporâneo, sendo assim, iremos discutir o conceito de contemporâneo e, então, a representação da velhice na pandemia que ocorreu nesse período.

REFLEXÕES CONCEITUAIS SOBRE O QUE É O CONTEMPORÂNEO

O termo contemporâneo que será discutido aqui se refere a um conceito de tempo específico na história da humanidade que tem a função de adjetivo e substantivo: significa “quem habitou ou teve seu início na mesma época; que acontece na mesma época, e do latim *contemporaneus*, quer dizer que é do mesmo tempo” (R. Santos, 2020), que é o tempo em que este texto é construído e que foi antecedido por outros cronologicamente, como Pré-História, Idade Antiga, Idade Média e Idade Moderna.

Descrever de forma categórica esses tempos e seus inícios não é uma tarefa fácil e nem pretendida nesta reflexão, pois: “Um período de

compreensão paradigmática do tempo nunca surge em forma horizontal, de cima para baixo. Há sempre um movimento espiral de idas e vindas para que o homem irrompa numa nova apreensão do mundo” (Rocha, 2007, p. 18).

Dessa forma, assim como há complexidade em afirmar o início de um período histórico, há também a tarefa difícil de identificar o seu fim; há questionamentos importantes sem possibilidade de uma resposta exata, já que: “nem ao menos sabemos se tudo o que foi modernidade está definitivamente extinto em nossos dias ou se o que vivemos ainda são ressonâncias daquele paradigma” (Millan, 2002, p. 49).

A partir do exposto, compreende-se que os períodos históricos interagem entre si, seja nos acontecimentos, que podem ter consequências prolongadas, seja nos modos de vida das pessoas, que também podem ser repetidos por gerações e gerarem resquícios em outros tempos. Em específico ao período compreendido como contemporaneidade, Santos discute que há “uma constelação imensa de concepções entre as quais ainda está por fazer uma tradução intercultural e diálogos de saberes e temporalidades” (Santos, 2020, para. 2).

Ele afirma que, nas últimas cinco décadas, foram ampliadas as problematizações a respeito da noção do que é contemporaneidade, em que novos saberes “contribuíram tanto para o pensamento Norte-cêntrico e ocidental como o pensamento Sul-cêntrico e oriental” (Santos, 2020, para. 2).

Segundo o autor, após episódios que tiveram repercussões mundiais como a partilha da África, as guerras mundiais e a bomba atômica, as lutas de libertação anticoloniais e algumas alternativas, como o socialismo, os movimentos sociais, a consolidação de povos como sujeitos históricos, como os indígenas, assim como as lutas pela diversidade sexual e etnorracial contribuíram para uma multiplicidade de concepções a respeito do que é contemporaneidade (Santos, 2020).

Santos (2020) menciona Agamben como contribuinte para a construção ampla da concepção de contemporaneidade, que se distancia de uma visão linear e soberana de acordo com o pensamento europeu. Na discussão realizada em *O que é o contemporâneo?* Agamben (2009) elabora algumas definições a respeito:

O contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo (Agamben, 2009, p. 64).

Agamben (2009) complementa:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (Agamben, 2009, p. 57).

Observa-se que a definição de Agamben (2009) diz respeito principalmente a uma ação de investigação sobre o seu tempo e esclarece não apenas os momentos que podem ser considerados de luz e avanço, como também os de retrocessos e trevas. Santos (2020) faz algumas considerações a respeito de características desse tempo histórico:

O que é característico da nova concepção de contemporaneidade é uma visão holista sem ser unitária, diversa sem ser caótica, que aponta em geral para a co-presença do antinômico e do contraditório, do belo e do monstro, do desejado e do indesejado, do imanente e do transcendente, do ameaçador e do auspicioso, do medo e da esperança, do indivíduo e da comunidade, do diferente e do indiferente, e da luta constante para procurar novas correlações de força entre os diferentes componentes do todo. (Santos, 2020, para. 3).

Nota-se, na descrição de Santos, que descrever a contemporaneidade é uma tarefa complexa, devido ao fato de não ser possível circunscrevê-la objetivamente em características estáveis e únicas, pelo contrário, há necessidade de analisar a mobilidade dos eventos que ocorrem nesse tempo histórico e, ao relacionar os episódios da história passada, torna-se viável uma compreensão melhor do tempo atual e dos que virão.

Com essa compreensão analisaremos aspectos da contemporaneidade sobre a perspectiva da Pandemia de Covid-19 e como esse evento

potencializou alguns discursos sobre a velhice. No entanto, no primeiro momento, iremos contextualizar a pandemia do novo coronavírus para então relacioná-la com a velhice.

PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

A pandemia de Covid-19 causada pelo novo coronavírus afetou drasticamente o modo de vida de todas as faixas etárias, principalmente a dos idosos, tendo em vista que houve maior direcionamento de discursos para o cuidado com a velhice nesse momento.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), houve, em 31 de dezembro de 2019, um alerta de que na cidade de Wuhan, na China, havia casos frequentes de pessoas com pneumonia, consequência de um novo tipo de coronavírus que, até então, não havia sido encontrado em pessoas. O vírus foi temporariamente nomeado como 2019-nCoV e, na sequência, recebeu o nome de SARS-CoV-2, sendo caracterizado como o novo coronavírus, capaz de causar a doença Covid-19 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2021).

Com o contágio em massa pelo SARS-CoV-2, em 11 de março de 2020 a OMS nomeou a Covid-19 como uma pandemia e determinou medidas de isolamento social e protocolos de proteção e segurança. Os sintomas mais frequentes da doença são febre, cansaço e tosse seca, mas as pessoas podem “apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração das mãos ou dos pés” (Organização Pan-Americana da Saúde, 2021).

O contágio pelo novo coronavírus ocorre quando uma pessoa infectada está próxima fisicamente de outra, por meio de aperto de mãos, espirro, tosse, catarro, gotículas de saliva e objetos e superfícies contaminadas, como celulares, mesas, talheres, maçanetas, brinquedos, móveis (Ministério da Saúde, 2021).

As medidas de prevenção orientadas pelos órgãos de saúde se referiam a lavar as mãos com água e sabão ou álcool em gel com frequência, ao espirrar ou tossir cobrir a boca com o antebraço, não tocar em olhos,

nariz e boca, manter distância mínima de 1 metro entre pessoas em locais públicos e de convívio social, evitar abraços, beijos e apertos de mãos, higienizar com frequência os objetos pessoais, evitar circulação em locais com muitas pessoas e utilizar máscaras. Essas medidas, inclusive, foram divulgadas e orientadas pela mídia com grande frequência (Ministério da Saúde, 2021). Com o decreto da pandemia instaurado, tais cuidados se tornaram imprescindíveis.

A síndrome respiratória causada pelo novo coronavírus é uma doença de grande variação de sintomas, em que pessoas podem ser assintomáticas, ou desenvolverem quadros de leves a graves. Apesar de os sintomas geralmente serem muito leves, há uma estatística de que uma em cada seis pessoas tende a ficar gravemente doente, com dificuldades respiratórias, principalmente pessoas que já possuem alguma condição desfavorável de saúde e idosos (Organização Pan-Americana da Saúde, 2021).

A vivência no contexto da pandemia provocada pelo coronavírus necessitou com urgência das contribuições da ciência em várias áreas do conhecimento, seja em uma maratona para conseguir desenvolver uma vacina, seja de teóricos de ciências humanas que pretendiam compreender o viver nesse tempo histórico.

Santos (2020), em um texto intitulado “O coronavírus, nosso contemporâneo”, afirma que o novo coronavírus é considerado um contemporâneo de nós humanos no momento em que esta pesquisa é escrita, uma vez que estamos convivendo no mesmo momento, conforme o significado da palavra contemporâneo, que diz respeito ao mesmo tempo.

No entanto, o autor complementa que o vírus é nosso contemporâneo principalmente “porque partilha conosco as contradições do nosso tempo, os passados que não passaram e os futuros que virão ou não. Isto não significa que viva o tempo presente do mesmo modo que nós” (Santos, 2020, para. 1).

Segundo o autor, para a compreensão de quem somos, é necessário a compreensão do vírus, na medida em que produzimos novas formas de viver a partir das ameaças e consequências que o coronavírus trouxe nesse momento histórico, o que denota “o modo como o vírus emerge, se difunde, nos ameaça e condiciona nossas vidas é bem fruto do mesmo tempo que nos faz ser o que somos” (Santos, 2020, para. 6).

Entende-se, ainda, que compreender o vírus e seu mecanismo de contaminação nos proporciona entender os modos de vida que estão sendo produzidos neste presente histórico, por exemplo: os hábitos que contribuem negativamente para o aumento do contágio do vírus ilustram que o fato de ter o conhecimento não garante que ele produza mudanças nos hábitos das pessoas.

O novo coronavírus assumiu um “valor hiper-contemporâneo”, conforme descrito por Santos (2020, para. 5), que analisou três características a partir dessa concepção. A primeira diz respeito à metáfora do coronavírus e o Muro de Berlim. Na comparação, o autor menciona que, ao invés de ser uma barreira que divide dois regimes políticos e sociais, o vírus separa o tempo em antes e depois da pandemia, mas sem saber quais mudanças serão advindas desse momento (Santos, 2020).

A segunda característica do vírus analisada por Santos (2020) se refere ao fato de o vírus atuar no presente, determinando sua imprevisibilidade, o que “converte o presente num alvo móvel, constituído não apenas pelo que podemos fazer ou planejar agora, mas também pelo que de imprevisível nos pode acontecer” (Santos, 2020, para. 9). É interessante ressaltar que a imprevisibilidade já havia antes do vírus, no entanto, era mascarada por uma ilusória noção de controle. Com a pandemia, ela foi desmascarada e ficou evidente o número alto de contágios e de mortes.

Por fim, Santos (2020, para. 10) afirmou que o vírus “é um reciclador que liga o presente a passados remotos”, pois algumas situações se repetem, ainda que com diferenças no momento atual.

Na pandemia, ouvimos um discurso que se apresentou como democrático no que diz respeito ao enfrentamento ao vírus, mas que excluiu outras variáveis a respeito da vulnerabilidade da população na pandemia, conforme discutido por Santos:

É tão pouco democrático quanto a sociedade que permite tal concentração de riqueza. Ao contrário do que parece, não ataca indiscriminadamente. Prefere as populações empobrecidas, vítimas de fome, de falta de cuidados médicos, de condições de habitabilidade, de proteção no trabalho, de discriminação sexual ou etnorracial (Santos, 2020, para. 6).

A contaminação pelo novo coronavírus pode ocorrer em todas as pessoas, sem distinção de classe social; no entanto, são as mais vulneráveis, aquelas que carecem dos recursos para prevenir-se do contágio e de cuidados, caso sejam infectadas, que se tornam as mais afetadas. Santos (2020) afirma que, para combater o vírus, é necessário compreender o momento em que estamos e alterar algumas das nossas práticas:

A contemporaneidade é uma totalidade heterogênea, internamente desigual e combinada. Considerar o vírus como parte da nossa contemporaneidade implica ter presente que, se nos quisermos ver livres do vírus, teremos de abandonar parte do que mais nos seduz no modo como vivemos. Teremos de alterar muitas das práticas, dos hábitos, das lealdades e das fruições a que estamos acostumados e que estão diretamente vinculados à recorrente emergência e crescente letalidade do vírus. Ou seja, teremos de alterar a matriz da contemporaneidade, sendo certo que desta fazem parte as populações que mais sofrem com as formas dominantes da contemporaneidade (Santos, 2020, para. 7).

O clima de instabilidade foi geral durante a pandemia, principalmente por falta de direcionamentos dos governantes que não se pautavam pelos pressupostos científicos, o que gerava insegurança em relação ao seu enfrentamento no contexto brasileiro, em que havia um negacionismo extremo em relação aos dados epidemiológicos disponibilizados, com discursos que valorizavam prioritariamente a economia, e não a saúde (Henning, 2020).

Enquanto a pandemia ainda assombra o mundo, particularmente o Brasil, alguns questionamentos são constantes na mídia e na fala de especialistas sobre as suas consequências na vida das pessoas, por exemplo, se seremos pessoas melhores após essa vivência caótica que interrompeu sonhos, vidas, modos de ser e estar. Podemos questionar a quem o termo negacionismo seria direcionado?

Não temos respostas para esses questionamentos, apenas especulações. De acordo com a ótica da psicologia social, compreendemos que a pandemia influenciará nos processos de subjetivação. Entretanto, não se trata apenas de compreender as mudanças a partir de conotações morais

como condutas boas ou más, mas de analisá-las a partir de cada contexto social em que o sujeito vive. Sendo assim, este texto pretende problematizar como foi o tratamento direcionado aos idosos durante a pandemia.

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NA PANDEMIA DE COVID-19

Analisaremos alguns impactos da pandemia no que diz respeito à velhice. Com a pretensão de proteger os idosos do contágio do vírus, tornaram-se comuns solicitações divulgadas pela mídia e por profissionais de saúde que, aos poucos, foram reproduzidas por pessoas no cotidiano para que os idosos evitassem o contato social.

Com reação ao solicitado, houve algumas ações comunitárias: por exemplo, em alguns prédios, os moradores escreveram nos elevadores seus contatos e disponibilizaram-se para fazer as compras para a população de idosos para que não saíssem de casa.

As ações, que pareciam ser de cuidado a essa população, tomaram conotações “problemáticas sobre a velhice” (Henning, 2020, p. 150), uma vez que os velhos tornaram-se alvos de discursos pejorativos que desconsideravam sua autonomia e capacidade de tomada de decisão. Essa ideia é visualizada nas imagens que foram veiculadas na internet e nas redes sociais a respeito de idosos na pandemia.

Um exemplo de discurso pejorativo ocorreu na cidade de Goiânia: uma caixa de som sobre um carro anunciava de forma pejorativa uma mensagem aos idosos “É o caminhão cata véio. Os véio que não for sozinho, nós leva embora. Acima de 60 anos estamos recolhendo os véio. É o caminhão cata veio” (Machado, 2020). Percebemos que essa mensagem compreende o sujeito idoso como alguém incapaz de tomar decisões e que precisa ser tutelado, pois desconsidera o respeito à dignidade do velho ao ser convocado dessa forma.

Imagens com mensagens que nomeavam os idosos como “crianças” foram frequentemente compartilhadas nas redes sociais. O que notamos é que mensagens desse tipo, com discurso de amedrontamento, demonstram o desrespeito direcionado aos velhos como se fossem sujeitos que não possuem o direito de ir e vir, como crianças que precisam obedecer aos que

sabem tomar decisões melhor do que elas. Para os velhos, os discursos estão relacionados à “ideia de pessoas velhas como sem autonomia, subjugadas, com capacidade de agência, racionalidade e bom senso questionadas” (Henning, 2020, p. 150).

A matéria “Preconceito em tempos de coronavírus: ‘Idoso virou palhaço dos memes” (Garcia, 2020) descreve uma série de mensagens e imagens que foi compartilhada na internet com frequência durante a pandemia. Elas enfatizavam a restrição imposta pela pandemia, principalmente aos idosos considerados do grupo de risco.

Jorge Félix, doutor em Ciências Sociais, entrevistado na matéria, afirmou que essas mensagens contribuem para a consolidação de preconceito em relação aos idosos. Ele pondera que crianças e adolescentes também exercem sua autonomia, mas quando esse comportamento vem de uma pessoa idosa, é tido como se ela fosse “teimosa”, como em uma das imagens veiculadas que ilustrava uma vaga de estacionamento para idosos em que estava escrito “teimosos”. Por fim, Jorge orienta que os familiares devem utilizar da empatia e do diálogo, ao invés de imposição para convencer a adesão ao isolamento social.

Tótora (2015) discute sobre o idoso como o sujeito que vivencia uma vida ativa e consome ofertas e serviços, sendo, então, valorizado pelo mercado capitalista. Em contrapartida, no contexto da pandemia, em que as figuras apresentadas foram criadas e compartilhadas, é possível identificar uma ruptura no que diz respeito à figura do idoso.

O sujeito idoso é tido como aquele que possui maturidade, vida ativa ao usufruir da melhor idade (Tótora, 2015). No entanto, a partir das reportagens que denunciam a forma com a qual foi tratado na pandemia, percebemos que o idoso não foi respeitado, mas tratado como alguém que não possui a capacidade de gerir sua própria vida. Principalmente, não havia distinção quando se referia ao idoso no que diz respeito à idade cronológica ou à capacidade de independência; as mensagens veiculadas durante a pandemia se referiam ao grupo idoso enquanto população homogênea, conforme discutido pelos autores:

A pandemia fez com que irrompesse, com mais visibilidade no cenário social, essa velhice tomada como um problema, essa velhice que não está plenamente funcionalizada, que não responde mais às exigências da produção e do consumo, do empreendedorismo, da velocidade impingida à vida como um todo, do individualismo, da autonomia e a tantas outras que compõem o contemporâneo. (Correa & Justo, 2021, p. 57).

Os idosos sofrem preconceito há algum tempo, mas foi com a pandemia que tais discursos se tornaram mais explícitos, conforme pontuou a antropóloga Miriam Goldenberg em uma entrevista cedida à BBC News. Ela afirmou que os velhos não são valorizados na sociedade e no âmbito familiar, e a pandemia evidenciou essa questão nos discursos “de que os velhos devem morrer para a epidemia acabar logo mas também memes zombando deles, dizendo que eles são teimosos e desobedientes, como se fossem crianças malcomportadas” (Barrucho, 2020).

Outro ponto que pode ser relacionado com a pandemia é a responsabilização do próprio sujeito velho por seu bem-estar e por seu envelhecimento. Conforme discutido por Ant3nio (2020) e por Moreira e Nogueira (2008), há para o idoso responsabiliza33o por sua sa3de e por envelhecer, na medida em que o mercado disponibiliza produtos e servi3os que prometem promover a sa3de e o retardamento do envelhecimento.

Na pandemia, a responsabiliza33o do sujeito idoso permaneceu sobre seu pr3prio cuidado relacionado às doen3as, que foi direcionado tamb3m aos familiares, conforme dito pelo Presidente da Rep3blica Jair Messias Bolsonaro no discurso que defendia a reabertura do com3rcio: “N3o se pode deixar na conta do Estado. Cada fam3lia tem que botar o vov3 e a vov3 l3 no canto e 3 isso. Evitar o contato com eles a menos de dois metros. E o resto tem que trabalhar, porque t3 havendo uma destrui33o de empregos no Brasil” (Fernandes, 2020).

Nos discursos direcionados aos idosos, prevalecia a supervis3o e a priva33o. O “protecionismo acabou por revelar um outro tipo de tratamento, convertendo as medidas protetivas em medidas extremamente restritivas e tutelares” (Correa & Justo, 2021, p. 57).

Identificamos que, amparados em dados cient3ficos, o discurso sobre a melhor idade e o idoso enquanto um sujeito ativo era fr3gil, de modo que,

na pandemia, prevaleceu o preconceito a respeito do velho enquanto um sujeito que precisa ser tutelado pela família. As “estatísticas epidemiológicas e dados de países acometidos pela pandemia foram utilizados para demonstrar que os mais velhos eram as principais vítimas e, portanto, deveriam ser considerados como prioridade na implementação de medidas de proteção e prevenção” (Correa & Justo, 2021, p. 52).

Vivemos em uma sociedade cujo histórico nos permite lembrar com frequência das desigualdades que, no contexto da pandemia, foram cada vez mais evidenciadas, por exemplo, no caso das pessoas autônomas que dependiam do trabalho diário para o seu sustento e foram impedidas de trabalhar, especificamente os idosos que trabalham e sustentam sua família, conforme discutido por Miriam Goldenberg na entrevista “Eles bancam os filhos e os netos. Vemos isso em todas as classes sociais, inclusive nas comunidades carentes” (Barrucho, 2020).

Goldenberg denuncia a violência que os idosos vivenciaram na pandemia: “estamos assistindo horrorizados a discursos sórdidos, recheados de estigmas, preconceitos e violências contra os mais velhos” (Barrucho, 2020). A população de velhos na pandemia foi alvo de todos esses discursos, o que contribuiu para que vivenciassem sofrimento e amedrontamento:

A sensação compartilhada por muitos(as) parece ser a de se descobrirem com uma espécie de “existência de segunda classe”, de serem um “peso morto”, de estarem “fazendo hora-extra”, sobrecarregando o sistema de seguridade social e a saúde pública, “atrapalhando a economia”, impedindo, enfim, o retorno à “normalidade” (Henning, 2020, p. 153).

Os idosos, em suas vivências, já experimentam a proximidade com a morte, “muitos nascem e morrem sem nunca terem vivido um minuto sequer” (Tótora, 2015, pp. 43-44). Na pandemia, essa vivência se intensificou pelos discursos direcionados aos idosos, conforme pontuado por Goldenberg: “Imagine ligar a TV e escutar pessoas que pregam a sua morte 24 horas por dia” (Barrucho, 2020). A morte dos velhos e sua exclusão eram fatos que ocorriam antes da pandemia, pois “expressa tal descartabilidade dos longevos do mundo do trabalho assim como situações diversas de

negligência ou de invisibilidade social mostram a condição de dispensabilidade na qual vivem os idosos e que se acentua em momentos críticos como o da pandemia” (Correa & Justo, 2021, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta reflexão, foi possível analisar que os discursos direcionados à velhice no contemporâneo demonstram dois principais direcionamentos. Um discurso que, antes da pandemia, atribuía o significado de velhice como verbete para descrever aspectos valorativos relacionados à juventude e à vida ativa, prioritariamente aqueles sujeitos que fazem adesão a esse discurso ao incorporarem práticas e serviços que prometem a lentidão de uma velhice real e a aproximação com a juventude eterna ao participarem ativamente como consumidores de um comércio que lucra com a população que mais cresce no Brasil.

Com a pandemia do novo coronavírus e a atenção direcionada para os idosos enquanto uma população que requer cuidados e proteção, visualizamos que proliferaram discursos estereotipados direcionados aos idosos, inclusive sob uma perspectiva moralizante e discriminatória, por exemplo, nomeando-os como “teimosos” por saírem de casa na pandemia. Esses discursos não consideraram que a população idosa é imensa e plural e que muitos idosos trabalhavam durante a pandemia.

O sujeito idoso, durante a pandemia do novo coronavírus, foi representado como parte de um grupo homogêneo, frágil e irresponsável, ou seja, incapaz de gerir sua vida e tomar decisões. A população de idosos que, antes da pandemia, era solicitada frequentemente para aderir a atividades e serviços em prol de bem-estar e saúde, durante a pandemia, quando o distanciamento social implicou no isolamento desses sujeitos, essa população que, até então, era consumidora, foi visualizada apenas como ônus.

Cabe a urgência de denunciar tais discursos e suas representações pejorativas referentes à velhice para que não sejam reproduzidos e de construir novos posicionamentos baseados em respeito e dignidade. É urgente, principalmente, que a velhice seja discutida em sua pluralidade, pois cada

sujeito a vivência de acordo com determinantes relacionados à história de vida, ao contexto social e histórico, discussão esta que já ocorre na literatura há muito tempo, iniciada por Beauvoir (1970/2018).

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2a ed., V. N. Honesko, Trad.). Chapecó: Argos.
- Antônio, M. (2020, abril). Envelhecimento ativo e a indústria da perfeição. *Saúde e Sociedade*, 29(1), e190967. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190967>
- Barros, R. D. B., & Castro, A. M. (2002). Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. *Estud. interdiscip. envelhec.*, (4), 113-124
- Barrucho, L. (2020, maio 2). *Pandemia de coronavírus evidencia ‘velhofobia’ no Brasil, diz antropóloga*. VivaBem. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/05/02/pandemia-de-coronavirus-evidencia-velhofobia-no-brasil-diz-antropologa.htm>
- Beauvoir, S. (2018). *A velhice* (2a ed., M. H. F. Martins, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1970).
- Correa, M. R., & Justo, J. S. (2021). Pandemia e envelhecimento. *Revista Espaço Acadêmico*. Edição Especial. 50-60.
- Fernandes, A. (2020, abril 8). Bolsonaro: “A chuva está aí, vamos nos molhar e alguns vão morrer afogados”. *Correio Braziliense*. https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/08/interna_politica,843280/bolsonaro-a-chuva-esta-ai-vamos-nos-molhar-e-alguns-vaao-morrer-afog.shtml
- Garcia, J. (2020, março 26). *Preconceito em tempos de coronavírus: “Idoso virou palhaço de memes”*. VivaBem. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/26/especialista-adverte-sobre-preconceito-idoso-virou-palhaco-dos-memes.htm>

- Henning, C. E. (2020). Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. *Cadernos de Campo*, 20(1), 150-155. <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798>
- Machado, S. (2020, março 31). “Caminhão cata veio” circula por Goiânia e pede para idosos ficarem em casa. UOL Notícias. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/31/caminhao-cata-veio-circula-por-goiania-e-pede-para-idosos-ficarem-em-casa.htm>
- Millan, M. P. B. (2002). *Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo: Ressonâncias em clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ministério da Saúde. (2021, janeiro 21). *Sobre a doença*. <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#interna>
- Moreira, V., & Nogueira, F. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19(1), 59-79. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2021, janeiro 20). *Folha informativa COVID-19- Escritório da OPAS e da OMS no Brasil*. <https://www.paho.org/pt/covid19>
- Rocha, T. H. R. (2007). Modos de subjetivação contemporâneos: considerações psicanalíticas sobre desejo, alteridade e pulsão (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil).
- Santos, B. S. [Boaventura]. (2020, maio 12). *O coronavírus, nosso contemporâneo*. Outras Palavras. <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/o-coronavirus-nosso-contemporaneo/>
- Santos, R. [Roseli]. (2020). Contemporâneo. In. Dicio: *dicionário online de português*. <https://www.dicio.com.br/contemporaneo/>

- Tótora, S. (2013). Genealogia da velhice. *Revista Ecopolítica*, 6, 2-18.
- Tótora, S. (2015). *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: Educ: FAPESP.

Recebido em 23/02/2021

Aceito em 15/04/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.